

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras da UFMG
Programa de Pós-graduação em Letras

**Ensino do subjuntivo: análise de livros didáticos adotados
em Ouro Verde de Minas**

JÉSSICA XAVIER SANTOS

BELO HORIZONTE

2019

Jéssica Xavier Santos

**Ensino do subjuntivo: análise de livros didáticos adotados
em Ouro Verde de Minas**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gramática da Língua portuguesa: reflexão e ensino, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Leandra Batista Antunes

Belo Horizonte

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GRAMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA:
REFLEXÃO E ENSINO/ PÓS-GRADUAÇÃO

Folha de Aprovação

ENSINO DO SUBJUNTIVO: ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS ADOTADOS EM OURO VERDE DE MINAS

Jessica Xavier Santos Bueno

Monografia submetida à banca examinadora designada pelo colegiado do curso de especialização em Gramática da Língua Portuguesa: Reflexão e Ensino, como requisito para obtenção do grau de especialista em Gramática de língua Portuguesa, área de concentração ensino de língua Portuguesa, aprovada em 25/06/2019, pela banca constituída pelos membros, Anya Karina Campos D'Almeida e Pinto e Janayna Maria da Rocha Carvalho.

Orientadora,

Leandra Batista Antunes

Doutora, UFOP

Belo Horizonte, 11/03/2024.



Documento assinado digitalmente

LORENZO TEIXEIRA VITRAL

Data: 12/03/2024 09:46:41-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Lorenzo Teixeira Vitral

Coordenador do curso de Especialização em Gramática da Língua Portuguesa:
Reflexão e Ensino

FALE/UFMG

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço ao Criador e Mantenedor dos céus e da terra, meu Senhor Jesus Cristo, que pela sua infinita bondade e providência me deu a oportunidade de chegar até aqui. Toda Honra e Glória sejam dadas a ELE.

Aos meus pais, que são a base da minha vida em todos os aspectos, a vocês é concedida a vitória, obrigada por serem meu alicerce em todos os momentos da minha vida. À minha irmã Paula e às amigas Ruth e Jacqueline, sem as quais este curso não teria sido o mesmo.

Finalmente, mas de suma importância, aos professores do curso que nos ensinaram a crescer tanto no conhecimento quanto na vida profissional, pelo amor, zelo e carinho ao ensinar e transmitir seus conhecimentos. À minha orientadora por ser o pilar, contribuindo com todo carinho, paciência, dedicação e agilidade para que eu pudesse vencer todos os obstáculos, a você, o meu singelo muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho apresenta como objetivo discutir como o modo subjuntivo é abordado em três coletâneas didáticas - *Português linguagens*, de Thereza Cochar e William Roberto Cereja (2018); *Ponto de encontro*, cujos autores são Marco Antonio Hailer, Maria Izabel Massoni e Solange Aranha (2018); *Novo diálogo*, de Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho (2018) - adotadas por uma escola pública em Ouro Verde de Minas, município brasileiro do estado de Minas Gerais. Tal análise visa ao diálogo do material selecionado em comparação com a perspectiva das gramáticas tradicionais e das gramáticas descritivas, além de verificar o que os Parâmetros Curriculares Nacionais e o Currículo Básico Comum de Minas Gerais instruem quanto ao trabalho com o subjuntivo. A pesquisa é de cunho descritivo e bibliográfico, orientada pelos estudos do modo investigado. O estudo revelou que a abordagem dos modos verbais no geral se dá de forma mecânica e descontextualizada, o que é ratificado nas gramáticas normativas e nos livros didáticos analisados.

Palavras-chave: Modo subjuntivo; livros didáticos; ensino tradicional.

ABSTRACT

This work aims to discuss how the subjunctive mood is approached in three didactic collections – *Português linguagens*, by Thereza Cochar and William Roberto Cereja (2018); *Ponto de encontro*, by Marco Antonio Hailer, Maria Izabel Massoni and Solange Aranha (2018); *Novo diálogo*, by Eliana Santos Beltrão and Tereza Gordilho (2018) – used at a public school in Ouro Verde de Minas, a Brazilian municipality in the state of Minas Gerais. This analysis aims to compare the selected material with the perspective of traditional grammars and descriptive grammars, as well as verifying what the National Curricular Parameters and the Common Basic Curriculum of Minas Gerais instruct in the work with the subjunctive. This research is descriptive and bibliographical, guided by another studies of subjunctive mood. The study revealed that the approach of verbal modes in general occurs in a mechanistic and decontextualized way, which is ratified in normative grammars and in the textbooks analyzed.

Keywords: Subjunctive mode; Didactic books; traditional teaching.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Definição do modo subjuntivo	11
Figura 1 - Conjugação no subjuntivo	12
Figura 2 – Tempos primitivos e derivados.....	14
Figura 3 – Tempos do subjuntivo	15
Figura 4 – Tempos do subjuntivo	15
Figura 5 – Verbos com mutação vocálica e formação do subjuntivo	16
Figura 6 – Atividade 1	23
Figura 7 – Atividade 2	23
Figura 8 – Atividade 4	24
Figura 9 – Conjugação do Presente do Indicativo.....	25
Figura 10 – Conjugação do Presente do Subjuntivo.....	25
Figura 11 – Conjugação do Pretérito Imperfeito do Subjuntivo	26
Figura 12 – Conjugação do Futuro do Subjuntivo.....	26
Figura 13 – Presente, pretérito perfeito e pretérito imperfeito	27
Figura 14 – Texto I.....	28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 MODO SUBJUNTIVO SOB A ÓTICA DAS GRAMÁTICAS TRADICIONAL E DESCRITIVA.....	11
2.1 Subjuntivo nas gramáticas tracionais	11
2.2 Subjuntivo na gramática descritiva	16
3 DIRETRIZES PARA O ENSINO DO SUBJUNTIVO NOS DOCUMENTOS LEGAIS: PCN E CBC	19
3.1 PCN e modo subjuntivo	19
3.2 CBC e modo subjuntivo	20
4 O SUBJUNTIVO NO LIVRO DIDÁTICO: UMA ANÁLISE QUALITATIVA DOS MATERIAIS DIDÁTICOS	23
4.1 Português linguagens - Thereza Cochar e William Roberto Cereja (2018). 23	
4.2 <i>Ponto de encontro</i> - Marco Antonio Hailer, Maria Izabel Massoni e Solange Aranha (2018).....	25
4.3 <i>Novo diálogo</i> - Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho (2018).....	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS.....	32

1 INTRODUÇÃO

Pretende-se, nesta pesquisa, evidenciar como se apresenta o ensino do modo subjuntivo, nas coleções didáticas: *Português linguagens*, de Thereza Cochar e William Roberto Cereja (2018); *Ponto de encontro*, cujos autores são Marco Antonio Hailer, Maria Izabel Massoni e Solange Aranha (2018); *Novo diálogo*, de Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho (2018), obras adotadas por uma escola pública em Ouro Verde de Minas, município brasileiro do estado de Minas Gerais. É válido pontuar que a escolha desse material deu-se em função do vínculo da pesquisadora com a instituição de ensino da qual faz parte como docente. O trabalho com o subjuntivo, nessa perspectiva, justifica-se pelo fato de ser um elemento que causa dúvidas em alunos e em professores quanto à sua utilização, além de haver poucas pesquisas nessa área no que diz respeito à ocorrência nos livros didáticos (LD). Diante disso, um estudo do ensino-aprendizagem do subjuntivo é fulcral, pois o aluno perceberia que a norma culta é importante no processo de aprendizagem, não a vendo como aquela que sobrepõe as demais, mas entenderia que apenas há situações de uso. Com isso, o critério de “certo e errado” aos poucos seria desmistificado, podendo ser abolidas tais classificações e substituídas por “situações de uso recomendado”, atendendo, assim, às expectativas e exigências deste ou daquele tipo de discurso (redações, palestras, artigos etc.), ao mesmo tempo que o falante não se sentiria marginalizado ao poder usar livremente o seu linguajar de maneira adequada, de acordo com o contexto no qual está inserido. Há uma crença generalizada de que tal modo está sendo menos utilizado a cada dia¹, o que é ratificado em usos feitos nos mais variados veículos midiáticos como Redação SPORTV “(...) os estádios, ninguém duvida que eles estarão lindos, prontos, como, aliás, estavam na África do Sul, belos estádios. Acontece que muitas das promessas não vão sair do papel (...)” (20/01/2014), Bate-Bola “A temporada 2014, William, a gente começa com jogos sempre..., as transmissões sempre às duas da tarde. Não importa que o jogo do sábado é às sete da noite, às nove da noite. Duas da tarde é o momento que o futebol ESPN entra no ar com grande material (...)” (24/01/2014), Linha de Passe “(...) o ano passado aqui [Fortaleza] foi legal. Hoje não foi. Hoje a

¹ Observe-se, por exemplo, <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/a-morte-do-subjuntivo/249441>>. Acesso em 06 jun. 2019.

torcida silenciou, talvez porque no ano passado tava 1x0 o jogo (...), o Brasil fez gol com oito minutos.” (17/06/2014), dentre outros. É nesse contexto que este estudo surge, com vistas a investigar como essa forma verbal tem sido (ou não) ensinada e aprendida.

Para tanto, ao longo deste estudo, verifica-se o subjuntivo nas gramáticas tradicionais, buscando compará-las. Em um segundo momento, observa-se como esse modo é conceituado nas gramáticas descritivas e, posteriormente, os documentos oficiais sobre o tema são analisados também, a saber - os Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante PCN), bem como o Conteúdos Básicos Comuns de Minas Gerais (doravante CBC). Na sequência, investiga-se como é abordagem temática nas três coleções de LD supracitadas. Assim, serão expostas algumas concepções sobre o modo subjuntivo, retirados de referências como Cunha (1970), Bechara (2003), Perini (2010), entre outros autores, além de, em alguns momentos, fazer menção aos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998).

Ressalta-se, nesse sentido, que a escolha do tema justifica-se, ainda, pelo fato de que, por ser filha de professora de Língua Portuguesa, determinados conteúdos desse campo do conhecimento faziam-me, desde muito cedo, refletir sobre os usos linguísticos em diferentes contextos, mais formais ou informais, estendendo-se até a graduação e, mais tarde, à sala de aula.

Esta pesquisa, então, apresenta como objetivo geral estudar como o subjuntivo é abordado em três coleções de livros didáticos do Ensino Fundamental II, considerando-as como mecanismo principal de apoio em sala de aula, com vistas a evidenciar alternativas de trabalho para essa temática. Quanto aos objetivos específicos, apontam-se:

- verificar qual(is) concepção(ões) de subjuntivo está(ão) sendo abordada(s) na coleção selecionada;
- analisar as atividades propostas pelos materiais em relação ao que consta nas gramáticas (prescritiva e descritiva) e nos documentos oficiais sobre o ensino do subjuntivo;
- apresentar, por meio das próprias atividades selecionadas nas unidades dos livros didáticos, uma prática reflexiva sobre ensino-aprendizagem do subjuntivo.

Veremos, no capítulo II, a visão da gramática tradicional x gramática descritiva quanto ao uso e abordagem do modo subjuntivo. No capítulo III

observaremos quais as concepções tratadas nos documentos oficiais do Estado. E ainda, no capítulo IV, analisaremos as formas de abordagem do ensino-aprendizagem do modo subjuntivo. Por fim serão apresentadas as considerações finais desse estudo e as referências utilizadas para realizá-lo.

2 MODO SUBJUNTIVO SOB A ÓTICA DAS GRAMÁTICAS TRADICIONAL E DESCRITIVA

Nesta seção, foram selecionadas algumas gramáticas tradicionais e descritiva para verificar o que trazem a respeito do subjuntivo, sua definição, formação e seus usos.

2.1 Subjuntivo nas gramáticas tradicionais

Algumas gramáticas tradicionais foram selecionadas para o enfoque que se pretendia dar à pesquisa, a dizer – Gramática normativa da Língua Portuguesa (Rocha Lima), Gramática escolar da Língua Portuguesa (Evanildo Bechara) entre outros representantes do campo. Nessas gramáticas buscou-se evidenciar como o subjuntivo é definido e quais seus empregos.

De início, é válido pontuar que a maioria dos gramáticos apresentam óticas similares para o tema aqui proposto – o modo subjuntivo. Todos os falantes, sob a perspectiva dos especialistas, ao não terem certeza da ocorrência de algum fato ou não saberem a existência de dada situação, deveriam utilizar esse mecanismo linguístico. A seguir, tem-se a definição cunhada por alguns gramáticos:

Quadro 1: Definição do uso do subjuntivo

Gramático	Conceito de subjuntivo
Bueno (1963, p. 316)	Emprega-se em orações dependentes de outras quando o seu fato verbal não é positivo; e encerra desejo, súplica, incerteza, dúvida.
Bechara (1980, p. 104)	Faz referência a fatos duvidosos, prováveis, possíveis, etc.
Cegalla (1981, p. 377)	É o modo da possibilidade. Usa-se para exprimir um fato possível, incerto, hipotético, irreal ou dependente de outro.
Cunha (1978, p. 255)	Representa a expressão de um desejo, apresenta o fato como possível ou duvidoso.
Almeida (1981, p. 226)	Indica dependência também quando o fato é duvidoso ou indeterminado, sendo por isso chamado 'modo da

	possibilidade'.
Said Ali (1964, p. 166)	É próprio das orações principais optativas e das subordinadas em que se considera o fato como incerto e duvidoso...

Fonte: Elaborado pela autora

Ao partir dessas perspectivas, nota-se que o subjuntivo é empregado, comumente, em orações subordinadas, a saber - orações substantivas, orações adjetivas e orações adverbiais. O termo subjuntivo, do ponto de vista etimológico, origina-se do latim *subjunctivus*, atribuindo a esse modo verbal a propriedade de ligar, de subordinar, dando ideia de dúvida ou de um tom afetivo. Essa ideia é considerada pelos autores do quadro acima, que a ela acrescentam a ideia de que esse modo denota, também, um fato duvidoso ou indeterminado.

Rocha Lima, traz uma abordagem bem breve acerca do modo subjuntivo, limitando-se, apenas, à conjugação dos tempos verbais simples (formados por um verbo) e compostos (na maioria das vezes, formado pelo verbo ter ou haver mais o particípio). Para ilustrar, a Figura 1 evidencia isso:

Figura 1 – Conjugação no subjuntivo

<i>Pres. do indicativo</i>	<i>Pres. do subjuntivo</i>	<i>Imperativo afirmativo</i>	<i>Imperativo negativo</i>
eu rezo	reze		
tu rezas	rezes	reza tu	não rezes tu
ele reza	reze	reze você	
eles rezam	rezem	rezem vocês	não rezem vocês

Fonte: ROCHA LIMA, 2011, p. 178.

Observa-se, na Figura 1, uma abordagem bem objetiva, com vistas a meramente classificar o verbo quanto ao modo em questão, mostrando como ele foi constituído, sem se ater a outros aspectos.

Embora seja Bechara quem indique, no título da obra, que contemplará a gramática escolar, do ponto de vista didático, é Celso Cunha quem acaba sendo mais esclarecedor, já que traz os conteúdos bem esmiuçados, com exemplificações

de usos do subjuntivo condizentes com o século no qual a população está inserida, diferente de Bechara, o qual se pauta nos clássicos literários passados.

Almeida é mais minucioso quanto à explanação do modo subjuntivo, pois aborda a relação de subordinação entre um verbo e outro, o que se refere à característica constituinte desse modo verbal. A concepção apresentada por ele é semelhante à de Bueno.

Ademais, o autor ainda engloba as condições de emprego do presente do subjuntivo em correlação com o presente ou com o futuro da oração principal, em orações como “Peço que vá” ou “Pedirei que vá”. (ALMEIDA, 1981, p. 233).

Observa-se, desse modo, um trabalho concomitante, já que, além de trazer o modo subjuntivo, o autor aborda, conjuntamente, a oração subordinada substantiva objetiva direta. Ou seja, faz um paralelo entre a forma e seu uso.

O gramático ressalta, ainda, o uso do imperfeito do subjuntivo na oração subordinada em coexistência com o pretérito da oração principal, em orações como “Pedi que fosse”, “Pedia que fosse” e “Pedira que fosse”. (ALMEIDA, 1981, p. 233).

Nota-se que a exemplificação de Almeida é bastante objetiva, todavia, as descrições são mais elaboradas do que as feitas pelos demais gramáticos supracitados. Ainda que ele aborde a relação de subordinação do modo subjuntivo, o teórico afirma, também, assim como os outros estudiosos, a ideia de que esse modo indica um fato duvidoso ou indeterminado. Após essa consideração, há um quadro comparativo entre o modo subjuntivo e o modo indicativo, em que Almeida (1981) exhibe as discrepâncias entre o emprego deles.

Quanto aos modos do verbo, para Cegalla, eles “indicam as diferentes maneiras de um fato se realizar” (*Ibid.*, p. 194). O indicativo, por sua vez, “exprime um fato certo, positivo”, como nos períodos: “Vou hoje.” e “Saíram cedo.”; o imperativo “exprime ordem, proibição, conselho, pedido”: “Volte logo.”; “Não fiquem aqui.” e “Sejam prudentes.”; enquanto o subjuntivo “enuncia um fato possível, duvidoso, hipotético”: “É possível que chova.” e “Se você trabalhasse, não passaria fome.”

É viável mencionar que a objetividade é permanente na obra de Cegalla, já que as definições não abordam as condições de emprego dos tempos e dos modos. Ademais, os exemplos podem auxiliar na apreensão, contudo, talvez não de modo aprofundado.

No que tange aos modos verbais, Bechara enfatiza que são empregados de acordo com a posição do enunciador diante da “relação entre a ação verbal e o seu agente”. Dito isso, ele conceitua o modo indicativo como o que “faz referência a fatos verossímeis ou tidos como tais”. (*Ibid.*, p.194) Em seguida, o autor flexiona o mesmo verbo em tempos distintos do indicativo para exemplificar sua definição: “canto”, “cantei”, “cantava” e “cantarei”.

Quanto ao subjuntivo (conjuntivo), o teórico ressalta que o seu uso faz referência a “fatos incertos”: “talvez cante”, “se cantasse” (BECHARA, 2010, p. 194) são os exemplos dados por ele.

Posteriormente, na seção dos tempos primitivos e derivados, Bechara diz que do radical da primeira pessoa do presente do indicativo deriva-se o presente do subjuntivo. Logo após, há uma tabela para ilustrar essa espécie de conversão:

Figura 2 – Tempos primitivos e derivados

Verbo	Presente do indicativo	Presente do subjuntivo
cantar	canto	cante
vender	vendo	venda
partir	parto	parta

Fonte: BECHARA, 2010, p. 212.

Observa-se que, tanto na abordagem dos tempos quanto na dos modos, o autor é objetivo e não articula os verbos em sentenças, o que talvez possa dificultar, de certo modo, a apreensão dessas noções, tendo em vista que exemplos empregados em sentenças podem gerar uma visão mais ampla e contextualizada do sentido do verbo no subjuntivo.

Já, segundo Rocha Lima, o modo “caracteriza as diversas maneiras sob as quais a pessoa que fala encara a significação contida no verbo” (*Ibid.* p. 168). O autor somente enumera as subdivisões do modo, o que não se mantém quando a abordagem é referente ao tempo, que, para ele:

[...] informa, de maneira geral, se o que expressa o verbo ocorre no momento em que se fala, numa época anterior, ou numa ocasião que ainda esteja por vir; são, fundamentalmente, três os tempos: *presente*, *pretérito* e *futuro*. (ROCHA LIMA 2011, p. 169, grifo do autor).

O gramático diz que, para o modo subjuntivo, existem três tempos simples:

Figura 3 – Tempos do subjuntivo

- 1) Presente (louve)
- 2) Pretérito imperfeito (louvasse)
- 3) Futuro (louvar).

Fonte: ROCHA LIMA, 2011, p. 169

É viável mencionar que tanto Cegalla quanto Bechara exemplificam, apenas, o modo indicativo na delimitação das conjugações, o que torna a gramática de Rocha Lima um pouco mais detalhista nesse aspecto. Na seção “Paradigmas das três conjugações regulares”, o autor utiliza tabelas nas primeiras, segundas e terceiras conjugações, na forma simples, para ilustrar e esmiuçar o que já foi discorrido a respeito do subjuntivo:

Figura 4 – Tempos do subjuntivo

<i>Presente</i>	<i>Pretérito imperfeito</i>	<i>Futuro</i>
Venda	Vendesse	Vender
Vendas	Vendesses	Venderes
Venda	Vendesse	Vender
Vendamos	Vendêssemos	Vendermos
Vendais	Vendêsseis	Venderdes
Vendam	Vendessem	Venderem

Fonte: ROCHA LIMA, 2011, p. 174 - 175

O gramático faz esse detalhamento conjugando os verbos “louvar”, “vender” e “partir”.

Em outra subseção, intitulada “Verbos com mutação vocálica” – não mais “verbos irregulares” –, Rocha Lima expõe que, na primeira conjugação, esse fenômeno acontece nos verbos que possuem a vogal e ou o no radical, como “rezar” e “rogar”, nos quais a vogal passa a ser pronunciada de forma aberta:

Figura 5 – Verbos com mutação vocálica e formação do subjuntivo

<i>Pres. do indicativo</i>	<i>Pres. do subjuntivo</i>	<i>Imperativo afirmativo</i>	<i>Imperativo negativo</i>
eu rogo	rogue		
tu rogas	rogues	roga tu	não rogues tu
ele roga	rogue	rogue você	não rogue você
eles rogam	roguem	roguem vocês	não roguem vocês

Fonte: ROCHA LIMA, 2011, p. 178

Em suma, deduz-se que a gramática de Rocha Lima é mais completa que as anteriores, haja vista que possui explicações detalhadas e ricas acerca de classes gramaticais, como o verbo, além de, também, ser organizada por meio de tabelas e de esquemas que podem proporcionar um aprendizado mais efetivo, sobretudo quanto ao enfoque do modo subjuntivo.

2.2. Subjuntivo na gramática descritiva

Mário Perini, em sua “Gramática Descritiva do Português”, no capítulo intitulado “Princípios do Estudo de Gramática” e na subseção “Definições e Regras”, ressalta que o objetivo da publicação da obra foi o de desviar das falhas que a Gramática Tradicional (GT) possui. Além disso, ele também afirma que empregou muito esforço na elaboração do material, visando apresentar definições que estivessem próximas ao real da nossa língua, diferente das gramáticas de outrora – as quais se pautavam em cânones literários para explicar como era o funcionamento da língua.

Com o intuito de comprovar essa visão, o gramático apresenta uma definição de Cegalla (1987, p. 487) acerca do modo subjuntivo e que convém ser exposta aqui: “Emprega-se o modo subjuntivo para exprimir um fato possível, incerto, hipotético, irreal ou dependente de outro”.

No entanto, Perini enfatiza que esse modo é empregado em períodos como: “É muito triste que Cacá esteja desempregado” - que, de acordo com o autor, ao ser enunciado, é compreendido como afirmando que, de fato, Cacá está desempregado, e, portanto, não há a ideia de incerteza proposta não só por Cegalla, mas também

por outros gramáticos tradicionalistas. Ainda segundo Perini, não há uma relação de interdependência entre a constatação de Cacá estar desempregado e o fato de isso ser muito triste.

Por fim, o estudioso constata que a definição feita por Cegalla (e conseqüentemente pela GT) não se enquadra aos fatos da língua, já que a sentença acima é recorrente em português, e, contudo, não é possível ser englobada pela abordagem que não só Cegalla, mas também outros elaboradores de gramáticas tradicionais propõem.

No capítulo “Classes de Palavras em Português”, Mário Perini considera que:

A lista de classes habitualmente apresentada nas gramáticas pretende ser exaustiva, ou quase [...]. Mas tal se deve principalmente ao fato de que as classes tradicionais não são estabelecidas segundo critérios de coerência e relevância gramatical. (2005, p. 321)

Partindo disso, o autor afirma que os verbos possuem uma classificação condizente, visto que eles “têm um comportamento morfossintático muito homogêneo” (*Ibid.* p. 321). Em contrapartida, o gramático exprime que, para ele, a definição de verbo é bastante vaga e utiliza um excerto sobre essa partícula, a fim de fundamentar a sua consideração - “[...] uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo.” (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 367).

Bagno (2012) discorre brevemente sobre os aspectos semânticos, sintáticos e os tempos verbais do modo subjuntivo. Assim como Perini (2010) e Castilho (2014), relata sobre a obsolescência do modo subjuntivo no PB em algumas regiões brasileiras. Ao final do subitem que trata sobre o modo subjuntivo, traça apesar dessa repetição e da tendência crescente a abdicação dessas formas verbais, o subjuntivo ainda apresenta grande viço nos gêneros textuais mais monitorados, servindo mesmo como símbolo de avaliação do uso eficaz da língua, sobretudo na escrita mais monitorada. Por esta razão, é relevante ensinar os moldes e os empregos do subjuntivo para um aulista que, em sua ampla maioria, não entende com convicção esse modo verbal. Esse ensinamento, claramente, não se faz pela memorização de padrões de conjugação, mas, sempre, pela consideração sobre o uso que se faz desse modo em textos autênticos. Cabe dar destaque, especialmente, aos verbos irregulares – *ser, ter, fazer, dizer, saber, haver, ver, ir, vir,*

dar, querer, poder, estar -, que são irregulares justamente por serem os mais empregados da língua. (BAGNO, 2012, pág. 566)

Esse efêmero esclarecimento de Marcos Bagno fundamenta todo o afinco da pesquisa para obter a eficácia do ensino do modo do subjuntivo da língua portuguesa.

Como o viés da Gramática descritiva tem por objetivo, segundo o “Dicionário de Linguística” de Jota (1981), “descrever a língua tal qual se fala, sem preocupações de estabelecer a linguagem padrão, que ficaria a critério da gramática normativa”, nota-se que o autor não detalha os tempos e os modos verbais como fazem Cegalla, Bechara e Rocha Lima, talvez, para ilustrar essa ruptura.

3 DIRETRIZES PARA O ENSINO DO SUBJUNTIVO NOS DOCUMENTOS LEGAIS: PCN E CBC

Na presente seção, analisa-se como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) – do terceiro e quarto ciclo do Fundamental - e os Conteúdos Básicos Comuns (CBC) de Minas Gerais abordam os verbos e, mais especificamente, o modo subjuntivo.

3.1 PCN e modo subjuntivo

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) constituem um dos mais importantes documentos oficiais da Educação brasileira e se dividem em duas partes, sendo a primeira voltada para apresentação da área de Língua Portuguesa, em que há, de início, uma crítica ao ensino tradicional, entre cujos apontamentos mais frequentes destacam-se:

- a desconsideração da realidade e dos interesses dos alunos;
- a excessiva escolarização das atividades de leitura e de produção de texto;
- o uso do texto como expediente para ensinar valores morais e como pretexto para o tratamento de aspectos gramaticais;
- a excessiva valorização da gramática normativa e a insistência nas regras de exceção, com o conseqüente preconceito contra as formas de oralidade e as variedades não-padrão;
- o ensino descontextualizado da metalinguagem, normalmente associado a exercícios mecânicos de identificação de fragmentos linguísticos em frases soltas;
- a apresentação de uma teoria gramatical inconsistente - uma espécie de gramática tradicional mitigada e facilitada. (BRASIL, 1998, p. 17)

Ou seja, espera-se que, a partir dessa colocação, o ensino de Língua Portuguesa, para além do documento, tenha uma contribuição efetiva para os alunos, fazendo-os entenderem o idioma materno em todas as suas esferas, não privilegiando uma modalidade apenas em detrimento de outra. Por exemplo, não se pensa colocar a Gramática como conhecimento superior em relação a outros conteúdos como leitura e escrita.

Desse modo, a concepção de língua adotada aqui é um sistema de signos específico, histórico e social, o qual possibilita aos indivíduos significar o mundo e a

sociedade. Aprender tal registro, portanto, diz respeito a não somente o domínio e a combinação das palavras, “mas apreender pragmaticamente seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas entendem e interpretam a realidade e a si mesmas” (BRASIL, 1998, p. 20).

Em suma, o documento assevera que faz-se necessário

assumir a palavra, produzindo textos em situações de participação social; o que se propõe ao ensinar os diferentes usos da linguagem é o desenvolvimento da capacidade construtiva e transformadora. O exercício do diálogo na explicitação, contraposição e argumentação de ideias é fundamental na aprendizagem da cooperação e no desenvolvimento de atitudes de confiança, de capacidade para interagir e de respeito ao outro. A aprendizagem desses aspectos precisa, necessariamente, estar inserida em situações reais de intervenção, começando no âmbito da própria escola. (BRASIL, 1998, p. 41)

Na segunda parte do guia, por sua vez, ao considerar todo esse contexto pragmático, orienta-se que o ensino de Língua Portuguesa possibilite aos alunos um fazer reflexivo, envolvendo tanto os recursos da linguagem como a construção de um conhecimento sobre a língua e a linguagem, bem acerca dos fatos e das informações que circulam socialmente.

Em relação ao ensino de modo subjuntivo ou à questão verbal no geral, observa-se que não há um direcionamento preciso, já que, por inúmeras vezes, há o reforço do trabalho por meio dos gêneros, levando em conta suas condições de produção. Embora haja a orientação para leitura e para produção de textos, em nenhum momento, aborda-se a importância do elemento verbal para a construção semântica das ideias.

3.2 CBC e modo subjuntivo

Os Conteúdos Básicos Comuns de Minas Gerais (2017) abordam, por meio de eixos temáticos, os conteúdos a serem trabalhados nas escolas mineiras, trazendo tópicos de subtópicos de tais assuntos. Por exemplo, no eixo temático 1, no que tange ao verbo, tem-se a seguinte orientação na seção Vozes do Discurso:

- Vozes locutoras e seus respectivos destinatários (alocutários).

- Recursos linguísticos de representação do locutor e/ou do destinatário do texto e seus efeitos de sentido.
- Recursos linguísticos de não representação do locutor e/ou do destinatário do texto e seus efeitos de sentido.
- Vozes sociais (não locutoras) mencionadas no texto: representações e efeitos de sentido.
- Variação linguística no discurso das vozes e seus efeitos de sentido.
- Modalização e argumentatividade: uso de recursos linguísticos (entoação e sinais de pontuação, adjetivos, substantivos, expressões de grau, verbos e perífrases verbais, advérbios, operadores de escalonamento, etc.) como meios de expressão ou pistas do posicionamento enunciativo das vozes do texto e de persuasão dos alocutários. (CBC, 1998, p. 4)

Dessa forma, nota-se, diferente dos Parâmetros Curriculares Nacionais, o CBC apresenta a nomenclatura ‘verbo’ acrescentando mais tarde –

Distinguir textos informativos de textos opinativos a partir da análise de seus títulos (preferência pela ordem canônica e verbos no presente do indicativo x preferência por frases nominais). (MINAS GERAIS, 2017 p. 13)

Logo, vê-se, explicitamente, a abordagem de um dos tempos verbais, sem menção aos demais ao longo do manual. Em outro momento, tem-se o seguinte:

25.3. Distinguir os argumentos semânticos de verbos (sujeito, objeto direto, objeto indireto, agente da passiva, adjunto adverbial) em frases apresentadas.

25.4. Explicar as relações entre o significado de um verbo e a ausência, presença e forma de apresentação de seus argumentos semânticos.

25.5. Relacionar vozes verbais, formas de apresentação dos argumentos semânticos de um verbo e efeitos de sentido.

25.6. Distinguir os usos padrão e não padrão de vozes verbais e seus efeitos de sentido, em uma frase ou sequência textual apresentada.

25.7. Distinguir os usos padrão e não padrão de verbos denominados impessoais, em uma frase ou sequência textual apresentada. (MINAS GERAIS, 2018, p. 18)

Quando se utilizou o descritor “subjuntivo”, elemento-chave deste estudo, o documento revelou o seguinte - “Coesão verbal: - valores do presente do indicativo e do futuro do presente do indicativo; - correlação com tempos do subjuntivo” (MINAS GERAIS, 2018, p. 8 e 9). Vemos que o proposto pelo documento auxilia muito pouco no ensino-aprendizagem, baseando-se mais na gramática tradicional do que no

próprio uso da língua, trazendo uma disparidade quanto a realidade da sua utilização. Já o PCN traz, mesmo não sendo uma abordagem completa, uma visão diferenciada, na utilização desse modo verbal, mostrando-se mais conectado à realidade da língua.

4 O SUBJUNTIVO NO LIVRO DIDÁTICO: UMA ANÁLISE QUALITATIVA DOS MATERIAIS DIDÁTICOS

Na presente seção, apresentam-se as três coleções de livros didáticos, em que são analisadas as abordagens do modo subjuntivo, conteúdo este direcionado para o Ensino Fundamental.

Precipualemente, ressalta-se que a seleção das séries baseou-se na presença do conteúdo foco deste trabalho investigado. A escolha das coleções, por sua vez, deu-se em virtude do vínculo da pesquisadora com a instituição de ensino na qual as obras escolhidas são utilizadas. As coleções selecionadas foram:

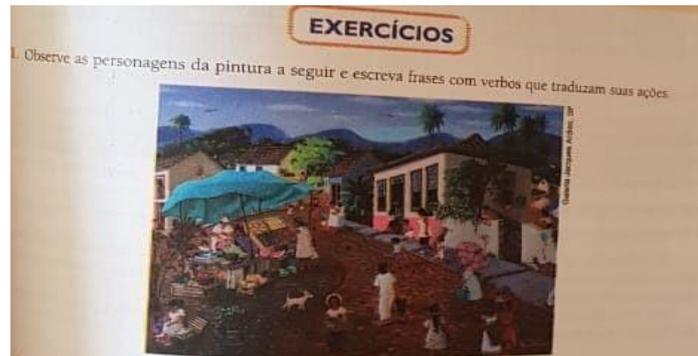
- a) - *Português linguagens*, de Thereza Cochar e William Roberto Cereja (2018), destinado ao 7º ano (Fundamental);
- b) *Ponto de encontro*, cujos autores são Marco Antonio Hailer, Maria Izabel Massoni e Solange Aranha (2018), voltado para o 6º ano (Fundamental);
- c) *Novo diálogo*, de Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho (2018), do 8º ano (Fundamental).

4.1 *Português linguagens* - Thereza Cochar e William Roberto Cereja (2018)

No livro *Português Linguagens* de William Cereja e Thereza Cochar Magalhães, o modo subjuntivo aparece na Unidade IV, localizada nas páginas de 222 a 231

Os autores começam a seção definindo o verbo e em seguida trazem uma atividade em que se pede a descrição de uma imagem, exigindo, desse modo, que os alunos, por conta própria, consigam observar a natureza de tal elemento, o que pode ser visto abaixo:

Figura 6 – Atividade 1



Fonte: COCHAR; CEREJA, 2018, p. 223.

Assim, nota-se que a atividade apresenta uma abordagem descritiva, possibilitando ao aluno a construção do conhecimento, partindo da prática para teoria. Indo ao encontro do que propõem os PCN, percebe-se que a maneira com que o exercício é apresentado indica que a concepção de língua subjacente ao material é a de um sistema de signos específico, o qual é construído socialmente, propiciando aos estudantes significarem o mundo e a sociedade.

Mais adiante, os autores abordam aspectos ligados aos modos verbais, por meio de uma tirinha, atendendo, assim, a orientação dos Parâmetros Curriculares Nacionais de trabalhar com gêneros textuais. Para ilustrar, segue imagem abaixo:

Figura 7 – Atividade 2



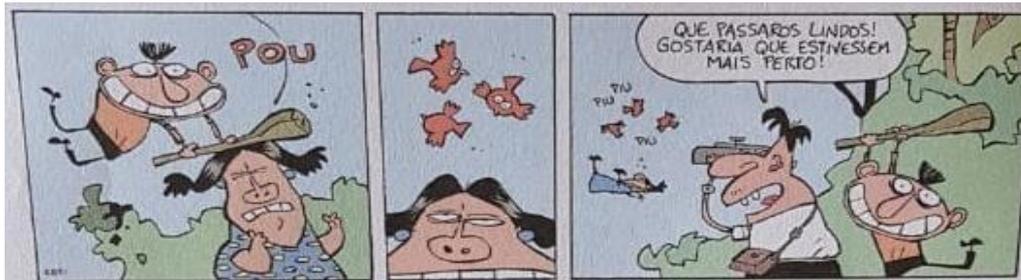
Fonte: COCHAR; CEREJA, 2018, p. 225.

Observa-se, a partir da Figura 7, nas falas: “vamos, entre”, o modo imperativo, que vai ao encontro do que Rocha Lima (2011) aponta. Já no excerto - “É como se o Drácula visse um gordão e tivesse que se conformar chupando um mosquito” – o LD traz a mesma abordagem que Bechara (1980), a ideia de dúvida

ou de possibilidade, apresentando um episódio duvidoso, provável, com o uso do subjuntivo.

Na página 228, tem-se outra tira com a fala de dois personagens, em que os autores apresentam uma ideia que dialoga com a literatura vista a respeito dos usos do subjuntivo.

Figura 8 – Atividade 4



Fonte: COCHAR; CEREJA, 2018, p. 228.

No quadrinho acima, os autores expressam a ideia de que a fala “Que pássaros lindos! Gostaria que estivessem mais perto!” tem sentido de desejo, dúvida, o que vai ao encontro do postulado apresentado por Bueno (1963), o qual apresenta o conceito de subjuntivo como desejo, súplica, incerteza ou dúvida.

Em linhas gerais, observou-se que esse LD tem uma abordagem bem acessível, por meio de gêneros textuais, o que auxilia no processo de ensino e de aprendizagem dos alunos.

4.2 Ponto de encontro - Marco Antonio Hailer, Maria Izabel Massoni e Solange Aranha (2018)

Na presente coleção, a utilização do subjuntivo dá-se de muitas maneiras e esse modo verbal é explicado por meio de diversos modelos.

De início, os autores trazem a conjugação do presente do indicativo, tal como evidencia a Figura 9:

Figura 9 – Conjugação do Presente do Indicativo

PRESENTE			
eu	ando	vendo	parto
tu	andas	vendes	partes
ele/ela	anda	vende	parte
nós	andamos	vendemos	partimos
vós	andais	vendeis	partis
eles/elas	andam	vendem	partem

Fonte: HAILER; MASSONI; ARANHA, 2018, p. 190.

Diante da abordagem dos autores, nota-se uma semelhança com os exemplos de Rocha Lima (2011), já que este concedeu um exemplo similar usando o verbo 'louvo'. Vê-se que, assim como Rocha Lima (2011), o LD em questão apresenta uma perspectiva tradicional, meramente classificatória de maneira similar, já que os autores, também, trazem a conjugação de maneira descontextualizada, ou seja, sem aplicação no texto, como pode ser visto na Figura 10.

Figura 10 – Conjugação do Presente do Subjuntivo

PRESENTE			
(que) eu	ame	beba	parta
(que) tu	ames	bebas	partas
(que) ele/ela	ame	beba	parta
(que) nós	amemos	bebamos	partamos
(que) vós	ameis	bebais	partais
(que) eles/elas	amem	bebam	partam

Fonte: HAILER; MASSONI; ARANHA, 2018, p. 195.

Desse modo, é perceptível a abordagem meramente classificatória, não se preocupando com a contextualização ou o cuidado em fazer com que o aluno estabeleça construções com o subjuntivo, mas apenas demonstrando sua forma. Em todas as outras conjugações de tempos referentes ao modo subjuntivo, os autores apresentam-no da mesma forma, o que é comprovado abaixo:

Figura 11 – Conjugação do Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

PRETÉRITO IMPERFEITO			
(se) eu	amasse	bebesse	partisse
(se) tu	amasses	bebesses	partisses
(se) ele/ela	amasse	bebesse	partisse
(se) nós	amássemos	bebêssemos	partíssemos
(se) vós	amásseis	bebêsseis	partísseis
(se) eles/elas	amassem	bebessem	partissem

Fonte: HAILER; MASSONI; ARANHA, 2018.

Figura 12 – Conjugação do Futuro do Subjuntivo

FUTURO			
(quando) eu	amar	beber	partir
(quando) tu	amares	beberes	partires
(quando) ele/ela	amar	beber	partir
(quando) nós	amarmos	bebemos	partirmos
(quando) vós	amardes	beberdes	partirdes
(quando) eles/elas	amarem	beberem	partirem

Fonte: HAILER; MASSONI; ARANHA, 2018, p. 197.

O LD apresenta, também, exercícios de cunho tradicional, em que não se promove uma reflexão sobre o que está sendo proposto. A título de exemplificação, tem-se o excerto:

- (1) **Talvez** eu **vá** à festa com você hoje à noite.
- (2) **Caso** você **saia** mais cedo do trabalho, me avise.
- (3) **Eu espero que** você não **desista** de ir à festa comigo.
- (4) **É importante que** você **compareça** à festa mais tarde

Na análise do contexto frasal em que ocorre o modo subjuntivo verifica-se a presença de estruturas que obrigam ou permitem seu uso.

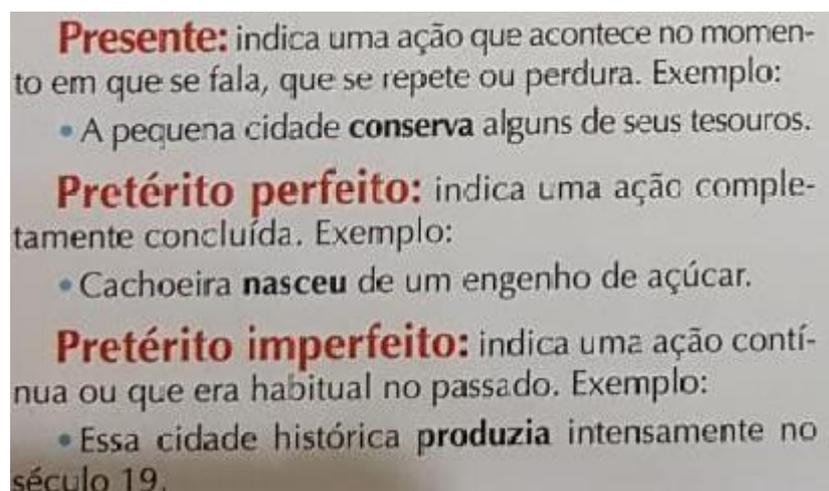
Nota-se que a atividade não promove nenhuma reflexão acerca da utilização dos tempos/modos verbais, refere-se somente a um exercício estrutural a se resolver sem propósito.

4.3 *Novo diálogo* - Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho (2018)

O modo subjuntivo, na coleção *Novo diálogo*, cujos autores são Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho (2018), é abordado, por meio de variados gêneros textuais, para facilitar o aprendizado.

Segundo Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho (2018), o modo indicativo manifesta-se por ação ou por estado como algo delimitado e decidido, tanto no presente, passado ou futuro. Também é subdividido em tempos como presente, pretérito perfeito e pretérito imperfeito. Na figura abaixo, os autores os descrevem tais tempos, respectivamente.

Figura 13 – Presente, pretérito perfeito e pretérito imperfeito



Fonte: BELTRÃO; GORDILHO, 2018, p.282.

Após a definição, há a aplicação no texto de tais elementos, o que pode ser observado a seguir:

Figura 14 – Texto I


Eu Respeito
Tu Confias
Ela Luta
Nós Admiramos
Vós Valorizais
Elas Conquistam

Fonte: BELTRÃO; GORDILHO, 2018, p.284.

Na Figura acima, o texto a respeito do Dia Internacional da Mulher traz os verbos conjugados no presente do indicativo, tal como Rocha Lima (2011) faz com o verbo louvo.

Em vários momentos, as autoras abordam as conceituações inseridas no texto, evidenciando, com isso, o compromisso com o aprendizado do aluno, fazendo-o perceber a aplicabilidade de dada definição nos gêneros.

Diante da breve análise das três coletâneas, observa-se como o ensino do subjuntivo, bem como da Língua Portuguesa no geral, é fundamentado na perspectiva tradicional, preconizando a classificação em detrimento à utilização.

Por que os professores em geral não capacitam melhor os alunos para a comunicação oral e escrita? Porque, em vez de fazê-lo trabalhar intensamente com sua gramática interior, fazendo frases, compondo textos, lendo e escrevendo, pretendem impor-lhes *Gramática*, teorias e regras. Um *Ensino Gramaticalista* abafa justamente os talentos naturais, incute insegurança na linguagem, gera aversão ao estudo do idioma, horror à expressão livre e autêntica de si mesmo.

Por isso, os estudos linguísticos têm avançado tanto em suas pesquisas, para contribuir de forma tal que sejam repensadas as práticas de sala de aula, e não apenas isso, mas para que sejam reformuladas de acordo com os usos linguísticos. Muitos avanços já são significativos no que diz respeito à necessidade de tratamento das variedades linguísticas no ensino de língua, e aqui pode se incluir o subjuntivo.

No presente trabalho, que deu ênfase ao uso das formas do subjuntivo nos livros didáticos, buscou-se mostrar como as gramáticas tradicionais, os livros didáticos e, por conseguinte, os professores têm trabalhado com o ensino desse modo verbal, ficando claro que todas essas fontes estão fortemente baseadas na concepção de língua como sistema homogêneo e invariável, expondo apenas o quadro tradicional e fazendo comentários bem superficiais acerca das novas formas de utilização da língua, abordagens estas que não refletem a realidade da maioria dos falantes brasileiros.

Como podemos perceber, a língua não é inerte, pois se modifica com o meio que ela está inserida, acarretando transformações no modo de escrever e de falar. Portanto, estudar a língua como algo atemporal, é ignorar todas as suas variedades e transmutações, resultando numa discriminação por partes de alguns estudiosos. Ou seja, existe uma grande disparidade entre o que é usado pelos falantes, e do que tem sido ensinado nas escolas, por meio de gramáticas, livros didáticos, PCN e CBC. Não é obstaro dizer que o ensino da língua culta é de suma importância, mas para obter o conhecimento de uma, não há a necessidade do detrimento da outra. De outra forma, o que irá perdurar é a sucessão da visão de Saussure (1995) de que sempre haverá uma distinção entre Fala (Parole) e Língua (Langue). Esta última considerada como um sistema estático, não variacional, descabido de erros ou falhas. E aquela, como variável, passível de falhas e erros; devendo, portanto, ser desassociada do estudo da Língua.

Haja vista que a condecoração dessas formas é de extremo valor, pois no encadeamento de ensino-aprendizagem “é necessário levar em conta tanto as exigências da sociedade quanto as condições institucionais que estão dadas”, [...] uma vez que “o conteúdo escolar será sempre um instrumento de compreensão da realidade em que aluno e professor estão inseridos” (GASPARIN, 2002, p. 37-38).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise mais detalhada de como é recebida e compreendida a conceituação do modo subjuntivo para os estudantes. Apesar de o tópico ser alvo de muitas dúvidas por parte dos alunos e também professores, alguns materiais didáticos, como o PCN e o Português Linguagens, de William Cereja e Thereza Cochar Magalhães, tal como foi mostrado neste estudo, apresentam mais detalhes e exercícios que outros livros, pautando-se, mesmo que pouco, em textos que circulam socialmente.

Evidenciou-se, nos livros abordados, a simplicidade com que é passado o conteúdo ao estudante, sem que haja uma reflexão efetiva sobre o uso ou, até mesmo, a aplicação em uma produção. Notou-se uma valorização dos exercícios com teor classificatório, com vários exercícios, com vistas à fixação, sabendo que essa prática não contribui para a habilidade discursiva do estudante, o qual acabará prejudicado em relação às modalidades fala e escrita. Em suma, expressar-se de maneira clara e eficiente independe da Gramática artificial (livro, disciplina), mas liga-se à *gramática natural*, interior, implícita.

É notória necessidade de uma abordagem mais aplicável, em que faça o aluno, de fato, ser agente no processo de conhecimento. Para tanto, tendo em vista que nenhum livro didático é perfeito, a abordagem do objeto de estudo deste trabalho, bem como de outros conteúdos poderia pautar-se na elaboração de sequências didáticas, com intuito de (re)fazer o currículo escolar de acordo com a realidade do aluno. Nesse sentido, em vez de partir da teoria para prática, os professores poderiam trabalhar com mais textos que circulam socialmente, como o texto de divulgação científica, com o objetivo de fazer os discentes refletirem sobre a utilização e, a partir daí traçarem a definição, a qual, posteriormente, pode ser equiparada com o postulado da Gramática Tradicional, por exemplo. Assim, os alunos seriam mais críticos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. M. **Gramática metódica da língua portuguesa**, 33 ed, São Paulo, Editora Saraiva, 1981

BAGNO, Marcos. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática portuguesa**, São Paulo, Ed. Companhia Nacional, 1980.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Edição Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Editora Lucena, 2003.

BECHARA, Evanildo. **Gramática Escolar da Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010

BELTRÃO, Eliana Santos; GORDILHO, Tereza. **Novo Diálogo**. 6º ano do Ensino Fundamental, São Paulo: Editora FTD, 2018

BRASIL. MEC/SEF. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUENO, Francisco da Silveira, **Gramática Normativa de Língua Portuguesa**, São Paulo, Saraiva, 1963.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de, **Nova Gramática do Português Brasileiro**, São Paulo: Editora Contexto, 2014.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**, ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1981.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**, ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Celso. **Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores associados, 2002.

HAILER, Marco Antonio; MASSONI Maria Izabel; ARANHA Solange. **Ponto de Encontro**. 8º ano do Ensino Fundamental, São Paulo: Editora FTD, 2018

JOTA, Zelio dos Santos; **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Editora Presença, 1981

LIMA, Rocha. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 3ª edição (retocada e enriquecida). Rio de Janeiro: José Olímpio, 2011.

MAGALHÃES, Thereza Cochar CEREJA, William Roberto. **Português Linguagens**. 6º ano do Ensino Fundamental, 7ª edição reformulada, São Paulo: Editora Saraiva, 2012.

MAGALHÃES, Thereza Cochar CEREJA, William Roberto. **Português Linguagens**. 7º ano do Ensino Fundamental, 7ª edição reformulada, São Paulo: Editora Saraiva, 2018.

MINAS GERAIS / SEE. **Conteúdos básicos comuns: Língua Portuguesa, Ensino Fundamental, Proposta curricular**. Minas Gerais: Secretaria Estadual de Educação, [s. d.]

PERINI, M. A. **Gramática Descritiva do Português**. São Paulo: Editora Ática, 2005.

PERINI, M. A. **Gramática Descritiva do Português**. São Paulo: Editora Ática, 2010.

SAID ALI, Manuel. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. Brasília: Editora EdUNB, 1964.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.